



Revista Ciência em Extensão

Rev. Ciênc. Ext.

Volume 12, Número 1, 2016

Pró-Reitoria de Extensão Universitária - PROEX

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP

São Paulo, SP, Brasil

ISSN 1679-4605



Revista Ciência em Extensão

ISSN 1679-4605

Editor-chefe: *Eduardo Galhardo*

Correspondência

REVISTA CIÊNCIA EM EXTENSÃO

Pró-Reitoria de Extensão Universitária – PROEX

Universidade Estadual Paulista – UNESP

Rua Quirino de Andrade, nº 215, 10º andar - Centro

CEP: 01.049-010 São Paulo, SP, Brasil

URL: http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex

e-mail: egalhard@reitoria.unesp.br

Ficha Catalográfica

Coordenadoria Geral de Bibliotecas - UNESP

Revista ciência em extensão / UNESP - Pró-Reitoria de Extensão Universitária. --
Vol. 12, no. 1 (Jan/Mar. 2016). -- São Paulo : UNESP, 2004 -

Trimestral

Texto em português, inglês e espanhol

Vol. 1, no. 1, publicado também on line

A partir do Vol. 1, no. 2; publicado somente on line em:

http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/index

ISSN 1679-4605

1. Ciências humanas – Periódicos.
 2. Ciências exatas – Periódicos.
 3. Ciências biológicas – Periódicos.
- I. UNESP - Pró-Reitoria de Extensão Universitária.

Administração Central da UNESP

Dirigentes da Unesp

Reitor

Júlio Cezar Durigan

Vice-Reitora

Marilza Vieira Cunha Rudge

Pró-Reitor de Administração

Carlos Antonio Gamero

Pró-Reitora de Extensão Universitária

Mariangela Spotti Lopes Fujita

Pró-Reitor de Pós-Graduação

Eduardo Kokubun

Pró-Reitor de Graduação

Laurence Duarte Colvara

Pró-Reitora de Pesquisa

Maria José Soares Mendes Giannini

Secretária Geral

Maria Dalva Silva Pagotto

Chefe de Gabinete

Roberval Daiton Vieira

Assessor-chefe de Comunicação e Imprensa

Oscar D'Ambrosio

Assessor-chefe de Informática

Edson Luis França Senne

Assessor Jurídico Chefe

Edson Cesar dos Santos Cabral

Assessor-chefe de Planejamento e Orçamento

Mário De Beni Arrigoni

Assessor-Chefe de Relações Externas

José Celso Freire Junior

Assessor Especial de Planejamento Estratégico

Rogério Luiz Buccelli

Coordenadora Geral de Bibliotecas

Flávia Maria Bastos



OFICINAS PARA PROFESSORES: PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA ALUNOS SURDOS

*Angela Corrêa Ferreira Baalbaki
Mariana Schwantes*
Priscila Costa Lemos Barbosa
Vanessa Gomes Teixeira*

RESUMO

O presente texto relata elementos pedagógicos sobre a realização de oficinas para professores de Língua Portuguesa e graduandos em Letras, como também apresenta as principais ações resultantes desse espaço de trocas e transformações. As oficinas propiciaram a troca de experiências entre professores e graduandos sobre questões ligadas ao ensino de Português como L2 para surdos e o levantamento de possíveis questões que auxiliariam o ensino para essa comunidade.

Palavras-chave: Oficinas. Português. Segunda língua. Alunos surdos.

WORKSHOPS FOR TEACHERS: PORTUGUESE AS A SECOND LANGUAGE FOR DEAF STUDENTS

ABSTRACT

This work reports on the pedagogical aspects of workshops for Portuguese teachers and undergraduate language students, and presents the main actions resulting from the establishment of this facility. The workshops enabled the exchange of experiences between teachers and undergraduate students concerning the teaching of Portuguese as a second language to deaf students, and the appraisal of possible issues that might assist teaching in this community.

Keywords: Workshops. Portuguese. Second language. Deaf students.

* Discente do Setor de Linguística, Departamento de Estudos da Linguagem, Instituto de Letras, Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ. Contato: marischwantes@yahoo.com.br.

TALLERES PARA MAESTROS: PORTUGUÉS COMO SEGUNDA LENGUA PARA LOS ESTUDIANTES SORDOS

RESUMEN

El presente texto informa los elementos pedagógicos sobre la realización de talleres para profesores de Lengua Portuguesa y para alumnos de la carrera de Letras, y, además, plantear las principales acciones que resultaron de este espacio de transformaciones. Se entiende que los talleres permitieron el intercambio de experiencias entre profesores y estudiantes de la carrera de Letras en temas relacionados con la enseñanza del portugués como L2 para sordos y plantearon posibles cuestiones que podrían ayudarles a la enseñanza para esta comunidad.

Palabras clave: Talleres. Profesores. Segunda lengua. Estudiantes sordos.

INTRODUÇÃO

O Projeto de Extensão, intitulado “Recursos e materiais para o ensino de Português para alunos surdos”, do Instituto de Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tem os seguintes propósitos: promover o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua (LP2); desenvolver estratégias e ações, tanto de formação continuada de professores de Língua Portuguesa, quanto de formação inicial de graduandos em Letras; apontar diferenças linguísticas que possam auxiliar a aprendizagem da Língua Portuguesa e, principalmente, propor a elaboração de materiais didáticos. O objetivo geral da proposta é promover a sensibilização dos futuros e atuais professores de Língua Portuguesa (LP) para a especificidade do processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos na Educação Básica, considerando, sobretudo, que os materiais didáticos voltados para esse alunado pressupõem categorias e aspectos distintos daqueles endereçados a alunos ouvintes. Para refletir sobre as especificidades desse alunado, faz-se necessário tanto o contato com pesquisas da área da educação bilíngue para surdos como também o desenvolvimento de metodologias aplicáveis no cotidiano escolar.

Levando-se em conta que um dos objetivos do Projeto é “O desenvolvimento de estratégias e ações de formação inicial ou continuada para profissionais da área de Português para surdos”, o presente artigo apresenta um recorte das ações de extensão realizadas, focando-se nas oficinas desenvolvidas com professores de Língua Portuguesa e graduandos em Letras. Elas foram pautadas no diálogo entre alunos e professores acerca de pontos pertinentes ao ensino da Língua Portuguesa, esta como uma segunda língua a ser ofertada à comunidade de alunos surdos.

Nas oficinas, os professores e bolsistas que integram o projeto procuraram sensibilizar os participantes de maneira a abordar questões ligadas ao ensino de Português como L2, evidenciando dificuldades e possibilidades, bem como sugerindo materiais auxiliares do professor na tarefa de incluir esses alunos nas instituições regulares de ensino. Além de servirem como um local de apoio para elucidar dúvidas, as oficinas também foram tomadas como laboratórios de ensino-aprendizagem, nos quais os envolvidos participaram de diversas dinâmicas que suscitaram a reflexão sobre o processo educativo de alunos surdos, os problemas observados e a busca de possíveis caminhos para a implementação de uma metodologia visual para o ensino de Língua

portuguesa. Vale destacar que compreendemos a pedagogia visual para alunos surdos como aquela baseada na experiência visual, na língua de sinais e no uso de imagens.

As temáticas desenvolvidas nas oficinas foram: (1) Introdução à surdez; (2) Debate sobre o livro “Libras: que língua é essa?”; (3) Debate sobre o documentário “Travessia do Silêncio”; (4) Debate sobre o documentário “Sou surda e não sabia”; (5) Análise e avaliação de materiais didáticos; (6) Adaptação e elaboração de materiais didáticos: modelos e abordagens práticas; (7) Trabalho com literatura surda e sua importância para a cultura surda; (8) Debate sobre o filme “Música e Silêncio”; (9) A produção textual de alunos surdos e critérios para sua avaliação e (10) O uso de tecnologias para o ensino de Português como L2 para surdos.

Foram desenvolvidas dez oficinas ao longo de cinco dias, realizadas nos turnos da manhã e tarde, ministradas pelas integrantes do projeto e tiveram duração de 3 horas cada, totalizando 30 horas. Elas destinaram-se às pessoas da comunidade universitária da área de línguas, docentes e discentes, bem como aos profissionais externos, isto é, professores de Língua Portuguesa. A divulgação das oficinas se deu por meio de publicação no *blog* do projeto (letrasdeoficinas.blogspot.com.br) e na rede social Facebook (facebook.com/recursosmateriaisparaalunossurdos), e a inscrição dos participantes foi realizada por meio do e-mail do projeto. No ato de inscrição, fazia-se necessário preencher uma ficha de inscrição e um questionário¹, instrumento que serviu posteriormente para que pudéssemos traçar um perfil dos participantes. Por outro lado, ao final de cada oficina foi entregue a cada pessoa um novo instrumento, este de avaliação, tipo “pesquisa de opinião” com pontuações de 1 a 5 tratando sobre itens como: a qualidade do material, a apresentação dos conceitos, a pertinência das atividades e a eficácia das discussões desenvolvidas. Registra-se que totalizaram 17 inscritos, porém apenas 14 participaram efetivamente.

SOBRE OS PARTICIPANTES DAS OFICINAS

De forma a construir um perfil dos participantes, apresentamos a análise da lista de presença, do formulário de inscrição e do questionário de sondagem. A partir da análise da lista de presença diária, do formulário de inscrição e do questionário de sondagem, foi possível conferir a oscilação de frequência em cada oficina e delinear o perfil dos participantes. O comparecimento dos inscritos foi bastante diverso, uma vez que os mesmos frequentavam as oficinas de forma alternada. Por meio da tabela mostrada na sequência, é possível verificar o número de presentes em cada sessão.

¹Composto por 14 itens. Inicia-se com um parágrafo explicativo que busca apresentar o propósito do questionário, incentivando os participantes ao seu preenchimento; em seguida, há uma mensagem de agradecimento; e, por fim, seguem 12 questões a serem respondidas (2 questões fechadas do tipo sim/não; 2 questões de múltipla escolha; 8 questões abertas) sobre aspectos relacionados à língua de sinais e à comunidade surda.

Tabela 1. Frequência dos participantes

Dia de oficinas		Número de Participantes
1º dia	Oficina 1	7
13/01/2014	Oficina 2	8
2º dia	Oficina 3	8
14/01/2014	Oficina 4	7
3º dia	Oficina 5	7
15/01/2014	Oficina 6	8
4º dia	Oficina 7	7
16/01/2014	Oficina 8	7
5º dia	Oficina 9	6
17/01/2014	Oficina 10	5

Por meio da análise do formulário de inscrição, identificou-se que o público presente era formado, em sua maioria, por alunos de graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Houve a participação de alunos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), além de funcionários do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e professores da Prefeitura de Rio Bonito. Todos os participantes eram ouvintes e tinham algum conhecimento acerca da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Dentre os 14 participantes, havia 5 professores, mas apenas 1 havia tido experiências em lecionar para alunos surdos (Ensino Fundamental - 1º e 2º segmentos). É interessante ressaltar que do total de participantes, 10 já haviam realizado disciplinas (obrigatórias ou eletivas) na graduação ou pós-graduação que tratassem de questões relativas à surdez e/ou a LIBRAS.

Com a análise do questionário, constatou-se, por unanimidade, que existe uma necessária interação a ser estabelecida entre profissional ouvinte e o aluno surdo para a boa consecução do processo de aprendizagem da língua portuguesa na modalidade escrita. Pode-se perceber que, apesar de os participantes reconhecerem LIBRAS como uma língua legítima da comunidade surda, nem todos compreendem sua estrutura e seu total funcionamento. Apenas 4 participantes afirmaram serem usuários de LIBRAS e o restante teve contato com a língua por meio de disciplinas que cursaram na faculdade, ou através de experiências com amigos e vizinhos surdos. Apenas uma pessoa não havia tido contato com surdos, porém, dentre os que já tiveram alguma experiência com a comunidade surda, a forma de linguagem mais utilizada para interagir com os surdos foi a de gestos e expressão, como é possível observar na tabela a seguir.

Tabela 2. Principal forma de comunicação utilizada com os alunos surdos

Forma de comunicação	Número de participantes
Gestos e expressão corporal	10
Sinais	5
Escrita	4
Oral	1
Leitura Labial	5
Nunca interagiu com surdos	1

Nas respostas à pergunta do questionário relativa à forma de comunicação utilizada com alunos surdos, os participantes se mostraram favoráveis à utilização de LIBRAS nas aulas de Língua Portuguesa e à presença de um intérprete na sala de aula, assim como no que diz respeito à inclusão do aluno surdo na escola regular. No entanto, ressaltaram que deve haver um preparo prévio dos professores, bem como aulas devidamente adaptadas, de forma a suprir as necessidades do aluno surdo, ou seja, esse aluno deve ter um acompanhamento e a escola deve apresentar estruturas adequadas que suportem as suas especificidades de aprendizagem. Também sugeriram que pais ouvintes de alunos surdos deveriam receber orientações no intuito de auxiliar seus filhos a terem maior independência, estudando LIBRAS, por exemplo, o que facilitaria o desenvolvimento linguístico da criança. Observou-se nessa sugestão a tentativa de aproximar família e escola para a promoção da educação de alunos surdos. Também foi sugerido que a metodologia mais adequada para a aprendizagem da escrita da Língua Portuguesa pelo surdo seja aquela que estimule o contato com outros alunos surdos, tendo o respaldo de um material didático adequado às suas necessidades.

Sobre a formação acadêmica e profissional dos participantes, o seu conhecimento a respeito de temas da área e da questão específica da inclusão de alunos surdos, indica-se o quadro de análise abaixo:

Tabela 3. Conhecimento sobre a área de educação de surdos

Questões analisadas	SIM	NÃO	Não respondeu
Realizou alguma disciplina (obrigatória ou eletiva) na graduação ou pós-graduação que tratasse de questões relativas à surdez e/ou LIBRAS	10	4	-
Acha importante a interação profissional ouvinte/aluno surdo para o processo de aprendizagem da língua portuguesa na modalidade escrita	13	-	1
LIBRAS é uma língua	14	-	-
É usuário de LIBRAS	4	10	-
É a favor da utilização da LIBRAS nas aulas de Português	13	-	1
É a favor da presença de intérprete na sala de aula	14	-	-
É a favor da inclusão do aluno surdo na escola regular	14	-	-

OFICINAS: PROPOSTAS, REALIZAÇÕES E DESAFIOS

Vale registrar que as oficinas foram pensadas como mecanismos pedagógicos que dinamizariam o processo ensino-aprendizagem e que estimulariam o engajamento criativo de todos os seus integrantes. À luz da proposta de [Moita e Andrade \(2006, p.5\)](#), é possível compreender a oficina pedagógica como

uma metodologia de trabalho em grupo, caracterizada pela “construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências” (CANDAU, 1999, p.23), em que o saber não se constitui apenas no resultado final do processo de aprendizagem, mas também no processo de construção do conhecimento. ([MOITA e ANDRADE, 2006, p.5](#))

Oficina 1

A primeira oficina centrou-se na sensibilização dos participantes em relação às especificidades dos alunos surdos e buscou também fornecer informações gerais sobre surdez e a Língua de Sinais. A primeira atividade foi a apresentação de todos os presentes. Cada um dos sete participantes e das quatro integrantes do projeto relataram, além de dados pessoais, sua experiência acadêmica e profissional e o motivo em participar da oficina. Após esse momento de socialização, houve a dinâmica do quebra-cabeça das diferenças. Dando prosseguimento às atividades, as regras da dinâmica foram explicadas. No início do jogo, cada grupo sorteou uma limitação; um impedimento de suas ações durante o jogo. Foram quatro as limitações, a saber: 1) um grupo não poderia falar; 2) um grupo não poderia andar; 3) um grupo só poderia trocar peças e 4) um grupo só poderia receber peças. Depois, foram distribuídas várias peças de quebra-cabeça misturadas. O objetivo do jogo era encaixar todas as peças de modo que elas formassem uma imagem. Em seguida, cada um relatou sua experiência em relação à dinâmica. Foi interessante notar que, mesmo os participantes tendo sido divididos em grupos “concorrentes”, todos tentaram se ajudar durante a realização da tarefa. Além

disso, inicialmente, quando se explicou que um dos grupos não teria nenhuma limitação, um dos participantes comentou que a atividade seria muito mais fácil para eles. No entanto, foi o grupo que não podia falar que conseguiu montar mais rápido o quebra-cabeça. Tal fato foi importante para os participantes perceberem que uma limitação não configura impedimento na realização de tarefas, mas caberia ao professor explorar outras habilidades existentes no aluno para a apropriação de conhecimento. Isso fez com que os participantes também refletissem que, às vezes, foca-se na falta de alguma habilidade, em vez de se pensar nas outras várias habilidades existentes em um mesmo indivíduo.

A atividade seguinte buscou sensibilizar o professor para a experiência com a surdez. Foram proporcionadas condições para que cada professor vivenciasse a simulação da surdez, através do impedimento da percepção auditiva. Para tal, apresentou-se um vídeo, com duração de cinco minutos, contendo uma notícia de um telejornal de âmbito nacional, cuidando para que a mesma fosse apresentada sem som, utilizando-se apenas do recurso visual. Registra-se que antes da apresentação do vídeo, os participantes foram orientados a observar atentamente as principais sensações experimentadas enquanto assistissem ao noticiário, procurando identificar, assim, as dificuldades enfrentadas e os recursos utilizados por cada um na compreensão da mensagem veiculada. Posteriormente, deu-se início ao processo de discussão, sugerindo-se a cada participante que relatasse suas reações sobre as dificuldades vivenciadas ao assistir ao vídeo, bem como sobre os recursos empregados na tentativa de compreender a notícia. Boa parte dos participantes focalizou na dificuldade de compreender o conteúdo da notícia. Alguns privilegiaram o relato da experiência da compreensão sem o recurso da audição, ressaltando seus sentimentos e pensamentos: angústia; desinteresse, após alguns minutos da apresentação do vídeo; dificuldade de concentração. Para finalizar, o vídeo foi reapresentado aos participantes de forma audível, possibilitando aos professores que comparassem a primeira experiência com a segunda. A partir desse exercício, foi organizado um debate sobre a situação do aluno surdo em sala de aula sem acesso aos conteúdos veiculados por meio de sua L1, a LIBRAS. Por fim, foi entregue uma cartilha sobre surdez para cada participante. Vale destacar que o material foi produzido pelos integrantes do grupo de extensão com o objetivo de fornecer informações básicas sobre a área. Trata-se de um material composto de 12 páginas, com imagens e informes sobre os seguintes tópicos: surdez; o surdo; o intérprete; o surdo e o silêncio; o que é LIBRAS; Língua Portuguesa para alunos surdos.

Oficina 2

A segunda oficina teve como objetivo promover o debate sobre as questões abordadas pelo livro “Libras: que língua é essa?”, de [Audrey Gesser \(2009\)](#), e fornecer informações gerais sobre a surdez, o surdo e a LIBRAS. O livro, disposto em três capítulos (cada qual com cerca de dez perguntas), tem o objetivo de reafirmar LIBRAS como uma língua. A obra expõe elementos que fazem o leitor repensar crenças e encontrar um olhar diferenciado para as novas formas de narrar a realidade das comunidades surdas brasileiras. A primeira atividade compreendeu uma dinâmica em grupo. Cada um dos oito participantes sorteou uma das 31 questões presentes no referido livro. Posteriormente, organizaram-se em três grupos e tentaram responder as perguntas. Em seguida, houve a apresentação dos grupos, momento em que cada um pode apresentar as suas dúvidas e considerações para os demais participantes. Posteriormente, as integrantes do projeto de extensão fizeram uma revisão geral sobre as

questões tratadas no livro, de modo que dúvidas sobre a área da surdez fossem elucidadas. Concluiu-se, com essa atividade, que a necessidade da comunidade surda em se expressar vai além da busca da compreensão e da reafirmação da sua língua; trata-se de compreender um modo de viver surdo, ou seja, um modo que inclui a forma de manifestar sua experiência visual e, conseqüentemente, a cultura e diversidade de sua identidade.

Oficina 3

A terceira oficina iniciou-se com a realização de um debate sobre o documentário "Travessia do silêncio"², em que se pôde discutir com os professores acerca da relação entre os surdos e ouvintes, cada qual com suas identidades e escolhas. O documentário trata, mais especificamente, da difícil travessia pela qual pais ouvintes passam ao identificar a surdez de seus filhos; de igual maneira, observa-se a mesma realidade dura para os filhos surdos, ao terem de adaptar-se a uma realidade totalmente diferente à sua natureza dentro de uma família ouvinte, sendo ele, muitas vezes, o único surdo. Pode-se constatar com esse documentário, também, a situação de uma ouvinte, filha de pais surdos - uma CODA (Children of Deaf Adults), que acabou tornando-se, diante da sua situação, a constante intérprete de seus pais, intermediando o mundo surdo e o mundo ouvinte, desde a infância até sua vida adulta, em diversos contextos.

Após assistir ao documentário, promoveu-se um debate, com perguntas a respeito do choque de identidade entre os dois mundos: dos ouvintes e dos surdos, e como é possível conviver com as diferenças de ambos os universos. O grupo reagiu de forma positiva em relação ao documentário, observando as posturas dos pais ouvintes em relação aos filhos surdos e dos filhos surdos sobre os pais ouvintes - ou vice-versa -, de forma crítica, o que acabou levando-os a diversas opiniões em relação aos implantes auditivos, à oralização, e ao bilinguismo. Tais posicionamentos podem ser identificados em enunciados como: "sou contra a mãe que oralizou os filhos"; "às vezes, os pais tomam a atitude de implante para os filhos surdos por não terem a informação do bilinguismo"; "a moça ouvinte, filha de pais surdos teve que lidar com responsabilidades desde muito cedo, como negociar a compra de um imóvel, ao ser intérprete de seu pai com o vendedor de imóveis"; "eu não condeno a mãe que oralizou o filho e rejeitou a surdez quando encarou o diagnóstico. Eu, como mãe, talvez não fizesse o mesmo?", etc. Inúmeras questões foram levantadas, mas uma foi unânime, concordando, assim, com o depoimento de uma mãe que disse a seguinte frase "meu filho é surdo, ok, e agora, o que existe para que ele viva bem sendo surdo? Eu quero que meu filho seja feliz". Diante dessa afirmativa, a classe de professores refletiu sobre o que é felicidade do ponto de vista do surdo e o que é felicidade para o ouvinte.

Essa oficina teve oito participantes e todos foram muito ativos durante a realização da mesma, opinando e refletindo criticamente, conforme as questões eram problematizadas. Pode-se notar que os participantes tiveram uma resposta positiva em relação ao assunto abordado na oficina, uma vez que conferiram que identidades diferentes implicam em pontos de vistas diferentes acerca do mundo e da relação com ele. Constataram que surdos e ouvintes podem conviver juntos, desde que haja respeito mútuo. E se surdo e ouvinte pertencerem à mesma família, o melhor a se fazer, segundo

² Trata-se de um documentário com 58 minutos de duração, dirigido por Dorrit Harazim e produzido por Videofilmes (Brasil), em 2005.

os professores participantes, é respeitar as particularidades de cada mundo, convivendo adequadamente em relação à sua alteridade.

Oficina 4

A quarta oficina trabalhou com o documentário "Sou surda e não sabia"³, que relata a história de Sandrine, uma mulher que nasceu surda em uma família de ouvintes. O filme fala sobre a descoberta da surdez por parte dos surdos e de suas famílias, e como ocorre o processo de construção de identidade dessa comunidade, que muitas vezes é privada do direito à sua cultura e à sua língua. O intuito da atividade foi promover o debate sobre a descoberta do surdo em ser surdo, ou seja, descobrir sua identidade dentro de um mundo de maioria ouvinte. "Como uma pessoa surda descobre que pessoas se comunicam através de sons?"; "o movimento dos lábios que os surdos veem produz palavras e comunicação?". Essas e outras perguntas foram sendo elucidadas ao longo do documentário, uma vez que se olha para a questão a partir de dentro, pela perspectiva de Sandrine e sua história verídica. Paralelamente ao relato da autonomia conquistada - a Língua de Sinais -, o filme levanta a discussão sobre a conveniência do implante coclear e da oralização em crianças surdas.

Havia um total de sete pessoas na oficina, e esse grupo mostrou-se bastante interessado na proposta de educação bilíngue que ocorre, tal como evidenciado no filme, nas escolas francesas. Esse dado possibilitou confrontar o modelo francês com a educação inclusiva ofertada no Brasil. Nesse momento, os professores puderam contar suas experiências em sala de aula, deparando-se com alunos de especificidades diversas, entre elas a surdez. Também foi levantada a questão do intérprete – seu papel; a situação em que se encontra, tendo que ser o mediador do professor e do aluno. Dessa discussão surgiram alguns questionamentos acerca da veracidade de informações que ocorrem nessa interpretação entre línguas, não pelo propósito de fazê-lo, mas principalmente pela falta de instrução/competência na área em que está realizando a interpretação. Ora, sabe-se que o intérprete pode atuar em toda e qualquer área como tal, conforme é previsto pela Lei dos intérpretes ([lei nº 12.319/2010](#)), de 1º de setembro de 2010, que regulamentou a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, porém, questionou-se até que ponto esse profissional está preparado para repassar informações das diferentes disciplinas, vertendo-as em conhecimento para os alunos. Os professores também ressaltaram a desconfortável posição em que o intérprete se encontra, tendo que "disputar" o espaço de sala de aula com o professor regente; se há diálogo e interação nas aulas ministradas e, consecutivamente, interpretadas; o fato de o professor regente sentir-se invadido e diminuído por não ter condições para interagir com os alunos surdos. Sem dúvida, essas são questões polêmicas e, por merecerem um foro especial para debate e reflexão, não se esgotaram na oficina. Durante a discussão, outro tema foi levantado: o bilinguismo. Na opinião dos professores presentes, a metodologia de ensino bilíngue para surdos deve abranger tanto a necessidade de aprendizado dessa língua portuguesa na modalidade escrita quanto a realidade da língua de sinais, por ser o principal veículo de informação e conhecimento de mundo na relação professor-aluno.

³ O documentário, cujo título original é "Sourds et malentendus", com duração de 70 minutos, foi dirigido por Igor Ochronowicz e lançado, na França, em 2009.

Oficina 5

A quinta oficina teve como objetivo abordar questões relativas à análise e à adaptação de materiais didáticos de diferentes tipos para o ensino de Português como segunda língua, reconhecendo a ênfase de tais materiais na descrição ou no uso da língua. Sua principal proposta foi avaliar materiais e discutir a importância deles no processo pedagógico. Inicialmente, foi discutida a noção de material didático à luz de teorias advindas da Linguística Aplicada. Os sete participantes presentes, divididos em três grupos – um com três integrantes e dois com dois integrantes, leram e discutiram excertos de textos que explicavam diversas concepções de material didático, como a de [Tomlinson \(2004\)](#) e a de [Salas \(2004\)](#). A justificativa para essa atividade se deu a partir da necessidade de o professor de Língua Portuguesa saber definir com clareza o que é um material didático (MD) e quais parâmetros o caracterizam, assim como compreender sua principal função: auxiliar tanto o docente quanto os discentes no processo ensino-aprendizagem. Para tal, exige-se do professor conhecimento de várias teorias e abordagens de ensino, assim como saber articulá-las. Em um segundo momento, os participantes montaram dois quadros comparativos – um com aspectos do MD para ouvintes, e outro com as principais características do MD para surdos. A partir dessa comparação, foi discutida a diferença entre materiais para o ensino de Português como língua materna e dos materiais para o seu ensino como segunda língua.

No terceiro momento da oficina, após o debate sobre os MDs indicados para surdos e ouvintes, foram abordadas questões relativas à análise, à avaliação e à adaptação do material didático. Enquanto a análise de MD visa à compreensão do material, de suas características e de seus objetivos, a avaliação pode ser entendida como o julgamento do MD para alguma finalidade, em geral, adoção com base em critérios, necessidades, características e objetivos da situação de ensino-aprendizagem. No entanto, em virtude de uma invariável parcialidade de adequação de um MD, há uma reconhecida necessidade de adaptá-lo a determinados fins. A adaptação, assim como a análise, deve ser considerada como uma forma de contribuir para a capacidade de elaborar MDs; competência que deve fazer parte da formação de qualquer professor de línguas. No quarto momento, depois de trabalhar com esses conceitos, foi realizada uma dinâmica que teve como objetivo mostrar a necessidade da adaptação do material didático para auxiliar o processo de aprendizagem, assim como incentivar o ensino do português na modalidade escrita. Foi exibido um trecho do DVD da coleção *Cine Gibi*⁴, da Turma da Mônica, e foi discutido se aquela atividade seria, ou não, adequada para surdos. No quinto momento, foram distribuídas cópias de um material adaptado⁵ para que os participantes o analisassem. Posteriormente, uma explanação teórica e prática sobre a análise de materiais foi apresentada e os participantes tiveram a oportunidade de adaptar questões de um livro didático voltado para o 8º ano do segundo segmento do Ensino Fundamental. Foi pedido que eles apontassem três modificações necessárias a esse material para que fosse possível utilizá-lo com alunos surdos. Por fim, todos apresentaram as suas sugestões.

⁴ Turma da Mônica - Coleção Cine Gibi 1 é um DVD do gênero infantil, dirigido por Maurício de Sousa, tem duração de 278 minutos e foi lançado, no Brasil, pela Paramount Filmes.

⁵ O material foi retirado do blog <http://trabalhandocomsurdos.blogspot.com>. A proposta apresentada sugeria a adaptação de uma atividade de compreensão auditiva, retirada de um livro de português como língua estrangeira (LE), em uma atividade de compreensão leitora para alunos surdos. Assim, propunha-se que o professor transcrevesse os diálogos contidos no CD e os apresentasse no recurso midiático *Power Point*.

Oficina 6

A sexta oficina teve um duplo objetivo: por um lado, avaliar criticamente materiais existentes para alunos surdos, apontando o alinhamento que estabelecem com esse contexto de ensino; por outro, elaborar materiais para contextos de ensino de português como segunda língua para alunos surdos. Inicialmente, foram distribuídas fotocópias de um texto em língua japonesa e os oito participantes presentes tentaram compreender as informações contidas. Após a pré-leitura, algumas questões foram identificadas como pertinentes de análise: quais foram as pistas textuais e paratextuais que auxiliaram na compreensão do texto lido? De que forma o conhecimento prévio pode auxiliar na compreensão do texto? Como foi a sensação de tentar ler em uma língua estrangeira? O objetivo dessa dinâmica foi mostrar a necessidade de adequação do material ao aluno que não é proficiente na língua-alvo, tal qual ocorre com os alunos surdos.

Em um segundo momento, os conceitos sobre MD trabalhados foram revisados e os professores participantes analisaram os materiais adaptados, de acordo com os critérios de avaliação previamente estabelecidos. Nesse ponto, foi exibido o CD-Rom de Língua Portuguesa, da “Coleção Pitangua” (4º ano)⁶, um material traduzido para língua de sinais⁷. O grupo de extensão promoveu a discussão para que os integrantes da oficina pudessem refletir sobre os seguintes temas: as incongruências apresentadas pelo material, bem como sobre seus limites e possibilidades; as dificuldades enfrentadas pelo aluno surdo; a necessidade de utilização, pelo aluno surdo, de diferentes recursos empregados no processo de construção do conhecimento. Após trabalhar com o CD-Rom, os participantes se dividiram em grupos e avaliaram uma unidade do livro “Português... eu quero ler e escrever: material didático para usuários de Libras”, da autora [Neiva de Aquino Albres \(2010\)](#). Além de basear suas avaliações nos critérios elencados por [Holden e Rogers \(2001\)](#), os participantes buscaram responder às seguintes perguntas: o material é interessante para os alunos? O material estimula os alunos? Qual o valor de aprendizado potencial que os exercícios oferecem?

No terceiro momento da oficina, foram distribuídos textos de diversos gêneros. Dessa vez, os participantes deveriam elaborar, em grupo, propostas de atividades sobre algum tópico gramatical, escolhido a seu critério. Posteriormente, cada grupo apresentou a proposta produzida e apontou as possibilidades de acesso e de apropriação do conhecimento, bem como as condições facilitadoras desse processo, tendo em vista a recepção desse material por parte dos alunos surdos. Por fim, foi distribuído o “Pequeno manual do professor”, material produzido pelo próprio grupo de extensão. O manual tem o propósito de fornecer sugestões para o ensino das estruturais verbais, a fim de instrumentalizar os professores em diversas situações nas quais se envolvam práticas de leitura e escrita em Português para alunos surdos.

⁶ PROJETO PITANGUÁ: português / organizadora Editora Moderna; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna; editora responsável Maria Tereza Rangel Arruda Campos. – 1. ed. – São Paulo: Moderna, 2005.

⁷ O CD repete em Libras o conteúdo do livro impresso. Explicando melhor, ao final de cada enunciado, há um ícone que ao ser clicado exibe uma pessoa interpretando em Libras.

Oficina 7

A sétima oficina teve como objetivo trabalhar com materiais e demais produções, que possibilitaram a inserção de textos literários no cenário surdo, divulgando a Literatura Surda, ainda pouco conhecida, e propondo a discussão sobre as diferenças entre identidade surda e identidade ouvinte. Com a presença de sete participantes, foram utilizados livros, DVDs, CDs de literatura surda e ficha de leitura para o desenvolvimento das atividades. Segundo [Karnopp \(2006\)](#), a literatura surda tem se apresentado como uma forma de identidade da cultura surda, uma “literatura de reconhecimento”, de extrema importância no processo de afirmação das minorias linguísticas. Sob esse prisma, buscou-se explicitar que o reconhecimento de LIBRAS e o surgimento das tecnologias visuais possibilitaram o registro da Literatura Surda. Objetivou-se, também, levar ao conhecimento do público os materiais já existentes na área. Por meio de tais propostas, procurou-se aprofundar a discussão acerca da identidade surda. De forma a sensibilizar os participantes a essa temática, foram exibidos vídeos da turma da Mônica e vídeos sobre percepção visual, buscando o debate acerca da capacidade de uma criança em conseguir se concentrar com a presença de um tradutor em cena, ao mesmo tempo em que uma história é narrada. Foi exibido, também, o Jornal surdo, como forma de sugestão de um formato adequado de telejornal para ouvintes e surdos. Houve, ainda, a exibição da história “Cachinhos dourados”⁸, contada e encenada em LIBRAS.

Após os vídeos, os participantes foram convidados a pensar em estratégias de inserção da Literatura Surda em sala de aula. Tendo o contato com algumas obras já publicadas como “Cinderela Surda” ([Hessel; Rosa; Karnopp, 2003](#)), “Rapunzel Surda” ([Silveira; Rosa; Karnopp, 2003](#)) e *Adão e Eva* ([Rosa; Karnopp, 2005](#)), foi proposto aos professores uma análise dos materiais apresentados, tendo como foco a aplicabilidade do material em sala de aula, de forma a auxiliar o surdo em seu processo de aprendizagem. Com isso, o debate ressaltou a importância da literatura no processo de ensino-aprendizagem de um aluno, surdo ou não, tomando como base as experiências prévias de cada um dos presentes. Os participantes foram instigados a compartilhar suas experiências de leitura ao longo de seu processo de aprendizagem, informando se havia contato com histórias (contos, fábulas), ou se o hábito de ler era constante, e, ainda, quais os principais tipos de leitura de que gostava. Com essa atividade, os participantes foram informados de que os surdos brasileiros contam histórias, piadas, e outros tipos de gêneros textuais, por meio da LIBRAS.

Oficina 8

A oitava oficina objetivou o debate acerca de questões relacionadas à identidade surda e à identidade ouvinte. Com a presença de sete participantes, a oficina utilizou o filme “Música e Silêncio”⁹ como recurso para incitar a discussão sobre o tema proposto, buscando aprofundar a discussão acerca da identidade surda, pois, como afirmam [Quadros e Perlin \(2007, p.9\)](#), o surdo “sobrevive a uma forma de incerteza constante”. O

⁸ História em Libras retirada de portal de compartilhamento de vídeos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7VcwEFPpJbs>. Acesso: 20 dez. 2013.

⁹ O drama, cujo título original é “*Jenseits der Stille*”, foi dirigido por Caroline Link e lançado na Alemanha, em 1996, pelas produtoras [Bayerischer Rundfunk](#), [Claussen & Wöbke Filmproduktion GmbH](#), [Roxy Film](#), [Schweizer Fernsehen DRS](#), Süddeutscher Rundfunk. Sua duração é 110min.

filme apresentado aborda, a partir das vivências e dificuldades encontradas em uma família de pais surdos e filhas ouvintes, o tema das diferenças entre os dois mundos: o dos ouvintes e o dos surdos. Além das línguas utilizadas, há também diferentes formas de percepção e de compreensão das necessidades de cada um, uma vez que, enquanto os ouvintes percebem o mundo a partir do som, os surdos o apreendem principalmente de forma visual. Assim, hábitos, como ouvir música ou tocar instrumentos musicais, são percebidos de forma distinta pelos dois lados. O filme aborda justamente algumas das diferenças entre as duas culturas em questão e o processo de aceitação, tanto dos pais surdos quanto das filhas ouvintes, para que eles pudessem ter uma boa relação familiar. Após a apresentação do filme foram discutidos aspectos pertinentes aos conflitos vivenciados entre os dois mundos, bem como a postura adotada pelos personagens no que diz respeito à forma em lidar com as particularidades de cada universo, levando em consideração questões como a exclusão e o papel do intérprete de LIBRAS como mediador desses dois contextos.

Oficina 9

A nona oficina teve como enfoque tratar questões ligadas à produção escrita de surdos, chamando a atenção para suas particularidades. Inicialmente, foram apresentados para os seis participantes presentes textos produzidos por aprendizes estrangeiros e por aprendizes surdos, discutindo as semelhanças e diferenças entre esses dois grupos, que aprendem a Língua Portuguesa como uma segunda língua. Em um segundo momento da oficina, a partir dos textos identificados como produções de alunos surdos, foram comentadas as especificidades linguísticas encontradas nesse tipo de escrita. Pesquisas como as desenvolvidas por [Fernandes \(2007\)](#) serviram de fundamentação para abordar as particularidades da aprendizagem de Língua Portuguesa na modalidade escrita por alunos surdos. Após esse debate, os participantes tiveram a oportunidade de identificar as regularidades linguísticas encontradas em diversas produções textuais, como por exemplo, ausência de conectivos, de marca de flexão verbal, de concordância nominal e verbal, e as explicações para tais ocorrências. Depois de analisar produções textuais de alunos surdos, foram apresentados critérios de avaliação de aprendizagem em consonância com o Decreto federal nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que garante a adoção de mecanismos de avaliação coerentes com o aprendizado de segunda língua. Imbuídos da proposta de “desenvolver e adotar mecanismos alternativos para a avaliação de conhecimentos”, os participantes montaram uma ficha com possibilidades de critérios diferenciados de avaliação para alunos surdos, bem como debateram sobre a temática em questão. Por fim, foram apresentados alguns exemplos de vídeos que podem ser utilizados para desenvolver atividades de produção textual para alunos surdos e alguns estudos, como o de [Pires \(2012\)](#) e o de [Mokva e Mendes \(2010\)](#), que trabalham com atividades de escrita e reescritura com alunos surdos.

Oficina 10

A décima oficina oferecida pelo grupo teve como tema "O uso de tecnologias para o ensino de surdos" e visava, principalmente, ao trabalho com as tecnologias para o ensino de língua portuguesa como L2 para a comunidade surda. Com um total de cinco participantes, pôde-se mostrar os aparelhos e instrumentos tecnológicos de que os surdos dispõem para se comunicar e interagir com o mundo a sua volta, tais como: telefones

para surdos (TS); *paggers*; bips; fax; a comunicação via internet; sinalização luminosa para campainhas; alarme de segurança e detector de choro de bebê; relógios e despertadores com alarmes vibratórios; legendas ou tela de intérprete na TV; adaptação da arbitragem nos esportes, substituindo os apitos por acenos e lenços, etc. Também houve destaque aos vídeos, tomados por boa parte da comunidade surda como grandes reprodutores da sua cultura e história. Vale frisar que os vídeos representam a sua escrita, uma vez que registrariam, melhor do que a grafia, a língua de sinais. Alguns exemplos de TICs foram aludidos: HQs digitais da Turma da Mônica (com sistemas de produção de histórias *on-line*) e adaptações de materiais didáticos, como os CDs, da “Coleção Pitangüá”, em várias disciplinas do ensino básico, mais especificamente, do ensino fundamental, dentre elas, a língua portuguesa.

Após a breve exposição dos materiais, suscitou-se um debate com os professores sobre a importância, na atualidade, das Novas Tecnologias de Comunicação e Informação (NTICs) no processo ensino/aprendizagem e na relação professor-aluno. Um ponto ganhou destaque: a vital necessidade de o professor saber manusear tais tecnologias, como alternativas metodológicas para facilitar a aprendizagem. Além disso, observaram a importância do vídeo como facilitador de ideias, como na apresentação de trabalhos em grupo filmados, contando histórias da literatura brasileira, por exemplo. A criação de jogos *on-line* também motivou bastante os participantes para a feitura de atividades sob essa roupagem interativa. No entanto, eles foram críticos ao dizer que de nada vale o aparato tecnológico sem a informação; o conteúdo necessário para agir neles e sobre eles, significando, pois, uma educação que vise não apenas à aprendizagem do uso das NTICs, limitadas ao repasse de conteúdos informativos ou conceituais, mas, fundamentalmente, à formação de alunos críticos e autônomos que, através de uma metodologia adequada e recursos motivacionais, descubram e criem suas próprias mensagens e respostas a essas tecnologias. Significa, ainda, compreender novos códigos de leitura e escrita, novas linguagens, novas formas de interpretação e compreensão.

Segundo os participantes, competiria, portanto, ao professor fazer o uso adequado dessas novas tecnologias, visando ao aprimoramento de conceitos em suas práticas, levando-o a refletir sobre a melhor maneira de interagir com seu aluno em um espaço que já se encontra invadido por muitos outros: *internet*, *chats*, aparelhos de celular, despertadores, etc, que acabam por desviar a atenção do discente. Com uma metodologia adequada, amparada nas NTICs, o professor poderá lograr êxito, fazendo um movimento de “busca” do aluno nesses espaços, estando neles, ou seja, permitindo que sua aula saia do espaço físico da sala de aula, distanciando-se do livro escolar, e passe a fazer parte de tantos outros, em interação com o mundo e com o aluno, principalmente.

RESULTADOS DAS OFICINAS

Em relação à avaliação das oficinas, segundo a pesquisa de opinião preenchida por cada participante, todos os envolvidos as conceituaram de forma positiva, alegando como único aspecto negativo eventualidades operacionais dos meios tecnológicos. Um participante registrou a necessidade de comentar detalhadamente a cartilha distribuída na primeira oficina, assim como havia ocorrido com as demais atividades. De forma geral, os aspectos que ganharam maior relevo foram as dinâmicas que promoveram discussões sobre a prática docente. Sobre tal aspecto, registra-se que os filmes, os documentários e as várias dinâmicas realizadas fomentaram debates acerca da identidade surda e da

inserção de surdos e ouvintes em um mesmo contexto. Discutiu-se a importância de se conhecer ambos os pontos de vista, surdo e ouvinte, e saber lidar com as diferenças, principalmente linguísticas, buscando alternativas de inclusão dos dois contextos, respeitando as diferenças e compreendendo as particularidades de cada vivência, sem excluir um determinado indivíduo, ou ainda, impor sua cultura / identidade sobre o outro.

Já em relação às constatações do grupo de extensão, pôde-se verificar que os professores participantes das dez oficinas procuravam compreender as especificidades do ensino bilíngue para alunos surdos. O que estava fundamentalmente em jogo era a busca por informações que pudessem auxiliá-los no processo de ensino-aprendizagem. Notou-se, ao longo dos encontros, um hiato entre o que os professores responderam no formulário de inscrição e no questionário de sondagem e o que efetivamente evidenciaram em suas falas. Apesar da proposta da educação bilíngue para surdos ser indicada, em termos legais, há mais de uma década, ainda se constata que pouco é divulgado sobre surdos e sua língua para professores de língua portuguesa. Também se pôde constatar que a Literatura Surda ainda é um recurso pouco divulgado, o que resulta em uma limitação no que diz respeito à afirmação da identidade surda sob esse aspecto. Os envolvidos nas oficinas 6, 7 e 10 mostraram-se surpresos ao serem apresentados aos materiais adaptados e elaborados para a comunidade surda. No entanto, apesar do desconhecimento de tais recursos, constatou-se a importância de conhecê-los e a necessidade de utilizá-los, pois, como agentes facilitadores de inclusão do surdo, auxiliam em seu processo de aprendizagem. Compreende-se, dessa forma, que o aluno passa a ser parte do contexto, ou seja, passa a ser parte ativa da história e não apenas um personagem marginalizado.

Fica evidente, assim, que mais trabalhos de divulgação sobre a comunidade surda e sua língua são imprescindíveis no meio educacional¹⁰, pois apesar de muitos participantes terem tido algum contato com a vivência surda, seja por meio de disciplinas durante a graduação ou por meio do convívio com alunos surdos, é possível perceber que o entendimento sobre a área ainda é deturpado. Por meio dos resultados obtidos nas oficinas, constatou-se que a conscientização do cenário da surdez dentro e fora do contexto escolar fornece subsídios para que os professores entrem em sala mais bem preparados e tenham um outro olhar para com o surdo, entendendo as especificidades desse aluno e, sobretudo, da sua língua. Afinal, parece ser a dificuldade com a língua e com a cultura surda o maior entrave dos professores. Aprofundar o conhecimento sobre a área e estabelecer um contato com a cultura surda são ações que possibilitam ao professor criar alternativas que permitam incluir esse aluno na escola regular. A proposta da educação inclusiva, para se tornar real, deverá contemplar o desenvolvimento linguístico resultante das duas línguas em contato e fazer adaptações em materiais didáticos de modo a facilitar o processo de aprendizagem do aluno surdo. Em suma, somente com a criação de novas abordagens e metodologias que não anulem a língua e a cultura do surdo se poderá chegar a uma educação de qualidade para os alunos surdos.

SUBMETIDO EM 26 jun. 2014
ACEITO EM 10 nov. 2015

¹⁰ O problema de desatenção aos surdos não é detectado somente a partir das oficinas. Essa é uma questão que também é apontada por autores que se dedicam ao ensino de línguas para alunos surdos, por exemplo, [Leite e Cardoso \(2009\)](#); [Souza, Freire e Favorito \(2001\)](#).

REFERÊNCIAS

ALBRES, N. A. **Português... eu quero ler e escrever**. São Paulo: Instituto Santa Terezinha, 2010.

BRASIL. Lei nº 12.319, de 01 de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 02 set. 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm>. Acesso em: 16 dez. 2013.

FERNANDES, S. Avaliação em língua portuguesa para alunos surdos: algumas considerações. Curitiba, 2007. Disponível em: <<http://www.diadiaeducacao.pr.gov.br/portals/portal/institucional/dee/deesurdez.php>>. Acesso em: 16 dez. 2013.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HEssel, C.; ROSA, F.; KARNOPP, L. B. **Cinderela surda**. Canoas: ULBRA, 2003.

HOLDEN, S.; ROGERS, M. **O ensino da língua inglesa**. São Paulo: Special Book Services, 2001.

KARNOPP, L. B. Literatura surda. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 98-109, jun. 2006.

KARNOPP, L. B.; ROSA, F. **Adão e Eva**. Canoas: ULBRA, 2005.

LEITE, J. G.; CARDOSO, C. J. Inclusão escolar de surdos: uma análise de livros de alfabetização. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 9., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Champagnat, 2009. p. 1-13. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3250_1545.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2013.

MOITA, F. M. G. S. C.; ANDRADE, F. C. B. O saber de mão em mão: a oficina pedagógica como dispositivo para a formação docente e a construção do conhecimento na escola pública. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 29., 2006, Caxambu. **Anais educação, cultura e conhecimento na contemporaneidade: desafios e compromissos**. Caxambu: ANPEd, 2006. Disponível em: <www.filomenamoita.pro.br/pdf/GT06-1671.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2013.

MOKVA, A. M. D. Z.; MENDES, V. I. Interferência de Libras na produção textual do aluno surdo: uma análise, uma proposta pedagógica. **Vivências**, Erechim, v. 6, n. 10, p. 414-420, maio 2010. Disponível em:

<http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_010/rev_vivencias_n10.html>. Acesso em: 16 dez. 2013.

[PIRES, L. C.](#) O uso de gêneros textuais no desenvolvimento didático de ensino-aprendizagem do português escrito para alunos surdos. In: **Almanaque CIEFIL**. Rio de Janeiro: CIEFIL, 2012. v. XVI. p. 2499-2506.

[QUADROS, R. M.; PERLIN, G.](#) (Org.). **Estudos surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

[SALAS, M. R.](#) English teachers as materials developers. **Actualidades Investigativas en Educación**, v. 4, n. 2, 2004.

[SILVEIRA, C. H.; ROSA, F.; KARNOPP, L. B.](#) **Rapunzel surda**. Canoas: ULBRA, 2003.

[SOUZA, R. M.; FREIRE, A.; FAVORITO, W.](#) O ensino de português para surdos: o texto didático e as recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). **ETD Educação Temática Digital**, Campinas, v. 2, n. 3, p. 19-26, jun. 2001. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/viewArticle/1887>>. Acesso em: 16 dez. 2013.

[TOMLINSON, B.](#) (Ed.). **Materials development in language teaching**. Cambridge: CUP, 2004.